

DAVE EGGERS

# Zeitoun

*Tradução*

Fernanda Abreu



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Dave Eggers  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Zeitoun

*Capa*  
Retina\_78

*Foto de capa*  
© Smiley N. Pool/ Dallas Morning News/ Corbis (DC)/ LatinStock

*Preparação*  
Natércia Pontes

*Revisão*  
Isabel Jorge Cury  
Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Eggers, Dave  
Zeitoun / Dave Eggers ; tradução Fernanda Abreu. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2011.

Título original: Zeitoun.  
ISBN 978-85-359-1826-7

1. Americanos de origem árabe - Condições Sociais - Louisiana - Nova Orleans 2. Americanos de origem árabe - Louisiana - Nova Orleans - Biografia 3. Furacão Katrina, 2005 - Aspectos sociais - Louisiana - Nova Orleans 4. Vítimas de desastres - Louisiana - Nova Orleans - Biografia 5. Zeitoun, Abdulrahman, 1957 6. Zeitoun, Katy I. Título.

11-00996

CDD-305.892

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Louisiana - Nova Orleans : Vítimas de desastres naturais : Biografia 305.892

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiasdasletras.com.br

*Para Abdulrahman, Kathy, Zachary, Nademah,  
Aisha, Safiya e Ahmad, em Nova Orleans*

*Para Ahmad, Antonia, Lutfi e Laila, em Málaga*

*Para Kousay, Nada, Mahmoud, Zakiya, Luay,  
Eman, Fahzia, Fatimah, Aisha, Munah, Nasibah,  
e todos os Zeitoun de Jableh, Lataquia e da ilha de Arwad*

*Para o povo de Nova Orleans*

*... na história do mundo, pode ser até que  
tenha havido mais punição do que crime...*  
Cormac McCarthy, *A estrada*

*Para um homem com um martelo, tudo parece um prego.*  
Mark Twain

## Notas sobre este livro

Esta é uma obra de não ficção baseada principalmente nos relatos de Abdulrahman e Kathy Zeitoun. Datas, horários, locais e outros fatos foram confirmados por fontes independentes e pelos registros históricos. As conversas foram reproduzidas com a maior fidelidade possível a partir da lembrança dos envolvidos. Alguns nomes foram trocados.

Este livro não pretende dar conta de toda a história de Nova Orleans ou do furacão Katrina. Ele é apenas o relato das experiências de uma família antes e depois da tormenta. Foi escrito com a total participação da família Zeitoun, e reflete a sua visão dos acontecimentos.



SEXTA-FEIRA, 26 DE AGOSTO DE 2005

Nas noites sem lua, os homens e meninos de Jableh, cidade pesqueira e poeirenta do litoral sírio, pegavam suas lamparinas e zarpavam em suas mais silenciosas embarcações. Cinco ou seis barcos pequenos, cada qual com dois ou três pescadores a bordo. A um quilômetro e meio da costa, eles posicionavam os barcos em círculo no mar escuro, largavam as redes e, segurando as lamparinas acima da água, faziam de conta que eram a Lua.

Os peixes, sardinhas, logo depois começavam a se reunir, uma lenta massa prateada que se erguia do fundo. Eles eram atraídos pelo plâncton, e o plâncton era atraído pela luz. As sardinhas começavam a nadar em círculos, formando uma corrente frouxa, e durante a hora seguinte o número delas crescia. As brechas pretas entre os elos prateados se fechavam até os pescadores poderem ver, lá embaixo, uma sólida massa de prata a girar.

Abdulrahman Zeitoun tinha apenas treze anos quando começou a pescar sardinhas desse jeito, usando um método chamado

*lampara*, emprestado dos italianos. Havia esperado anos para se juntar aos homens e adolescentes nos barcos noturnos, e passara todos esse tempo fazendo perguntas. Por que só nas noites sem lua? Porque, respondeu-lhe o irmão Ahmad, nas noites de lua o plâncton ficaria visível por toda parte, espalhado por todo o mar, e as sardinhas poderiam com facilidade ver e devorar os micro-organismos brilhantes. Quando não havia lua, porém, os homens podiam criar a sua própria luz e trazer as sardinhas até a superfície com uma concentração surpreendente. Você precisa ver, dizia Ahmad ao irmão çaçula. Você nunca viu nada igual.

E, quando Abdulrahman viu pela primeira vez as sardinhas nadando em círculos no breu do mar, não conseguiu acreditar no que via, na beleza daquele círculo de prata ondulante sob a luz branca e dourada das lamparinas. Ele não disse nada, e os outros pescadores também tomaram cuidado para ficar calados, remando com o motor desligado para não espantar os peixes. Sussurrando acima da superfície, eles contavam piadas e conversavam sobre mulheres e garotas enquanto viam os peixes subirem e rodopiarem lá embaixo. Algumas horas depois, quando as sardinhas estavam prontas e dezenas de milhares delas reluziam à luz refletida, os pescadores recolhiam a rede e puxavam-nas para bordo.

Então voltavam para o porto com os motores ligados e levavam as sardinhas para o peixeiro do mercado antes de o dia raiar. Ele pagava aos homens e meninos, e então vendia as sardinhas por todo o lado ocidental da Síria: Lataquia, Baniyas, Damasco. Os pescadores repartiam o dinheiro, e Abdulrahman e Ahmad levavam o quinhão deles para casa. O pai falecera no ano anterior e a mãe estava com a saúde e a mente debilitadas, então tudo o que eles ganhavam na pesca ia para o sustento da casa que dividiam com dez outros irmãos e irmãs.

Mas Abdulrahman e Ahmad não ligavam muito para o dinheiro. Teriam feito aquilo de graça.

Trinta e quatro anos depois e milhares de quilômetros a oeste, Abdulrahman Zeitoun, deitado na cama em uma sexta-feira de manhã, deixava lentamente para trás a noite sem lua de Jableh e sua lembrança esgarçada presa em um sonho matutino. Estava em casa, em Nova Orleans, e ao seu lado podia ouvir a respiração da mulher, Kathy, e o ressonar dela não era muito diferente do chapinhar da água contra o casco de uma embarcação de madeira. Fora isso, a casa estava em silêncio. Ele sabia que eram quase seis da manhã e que essa paz não iria durar. Em geral, quando batia nas janelas do primeiro andar, a luz da manhã acordava as crianças. Uma das quatro abria os olhos, e a partir daí os movimentos eram bruscos, e a casa logo ficava barulhenta. Com uma das crianças acordada, era impossível manter as outras três na cama.

Kathy acordou com um baque no andar de cima vindo de um dos quartos das crianças. Apurou o ouvido, rezando em silêncio por paz. Todo dia de manhã, havia um período delicado, entre as seis e as seis e meia, em que existia uma chance, por mais remota que fosse, de conseguirem roubar mais dez ou quinze minutos de sono. Mas então se ouviu um outro baque, e a cadela latiu, e um terceiro baque se seguiu. O que estava acontecendo naquela casa? Kathy olhou para o marido. Ele fitava o teto. O dia havia despertado com um rugido.

Nesse dia, como em todos os outros, o telefone começou a tocar antes que os pés deles encostassem no chão. Kathy e Zeitoun — a maioria das pessoas o chamava pelo sobrenome, porque não conseguia pronunciar seu nome de batismo — tinham uma empresa, a A. Zeitoun Empreendimentos de Pintura Ltda., e a cada dia as suas equipes, os seus clientes, e qualquer um que tivesse um

telefone e o seu número, pareciam pensar que, quando o relógio marcava as seis e meia, já era uma hora decente para ligar. E todos ligavam. Em geral às seis e meia o volume de ligações era tamanho que metade caía direto na secretária eletrônica.

Kathy atendeu o primeiro telefonema, o de um cliente do outro lado da cidade, enquanto Zeitoun arrastava os pés até o chuveiro. As sextas eram sempre agitadas, mas aquela prometia ser uma loucura, visto o mau tempo previsto pela meteorologia. Durante a semana inteira, houvera boatos sobre uma tempestade tropical que estava atravessando Florida Keys e tinha uma chance de seguir para o norte. Embora esse tipo de possibilidade ocorresse todo mês de agosto e a maioria das pessoas nem sequer se interessasse pelo fato, os clientes e amigos mais cautelosos de Kathy e Zeitoun em geral se precavam. Ao longo de toda a manhã, pessoas ligaram perguntando se Zeitoun poderia isolar suas janelas e portas com tábuas de madeira e se ele conseguiria recolher os equipamentos antes de a ventania começar. Operários queriam saber se deveriam ir trabalhar naquele dia ou no seguinte.

“Zeitoun Empreendimentos de Pintura”, atendia Kathy, tentando soar alerta. Era uma cliente mais velha, uma senhora que vivia sozinha em uma mansão em Garden District, querendo saber se a equipe de Zeitoun podia ir até lá isolar suas janelas.

“Sim, claro”, respondeu Kathy, deixando os pés baterem pesadamente no chão. Agora estava acordada. Kathy era secretária, contadora, gerente de crédito e relações-públicas da empresa — ela fazia todo o serviço de escritório, enquanto o marido cuidava dos serviços de obra e pintura. Os dois se completavam muito bem: o inglês de Zeitoun tinha lá os seus limites, então, quando era preciso negociar honorários, ouvir o sotaque arrastado da Louisiana de Kathy deixava os clientes à vontade.

Aquilo fazia parte do trabalho: ajudar os clientes a preparar suas casas para a ventania que estava por vir. Kathy não deu muita bola para a tempestade mencionada pela cliente. Era preciso muito mais do que algumas árvores derrubadas no sul da Flórida para chamar sua atenção.

“Vamos mandar uma equipe hoje à tarde”, disse à mulher.

Kathy e Zeitoun estavam casados havia onze anos. Zeitoun chegara a Nova Orleans em 1994, depois de passar por Houston, Baton Rouge, e mais meia dúzia de cidades norte-americanas que havia explorado quando jovem. Kathy crescera em Baton Rouge e estava acostumada à rotina dos furacões: a litania de preparativos, a espera e a cautela, os apagões, as velas, lanternas e baldes para recolher a água da chuva. A cada mês de agosto parecia haver meia dúzia de tempestades com nome e tudo, e elas raramente faziam jus ao transtorno. A desse ano, chamada Katrina, não seria diferente.

No térreo, Nademah, que tinha dez anos e era a segunda mais velha, ajudava a preparar o café da manhã das duas irmãs mais novas, Aisha e Safiya, de cinco e sete anos. Zachary, de quinze, filho do primeiro casamento de Kathy, já tinha saído para encontrar os amigos antes de ir para a escola. Kathy preparou as merendas enquanto as meninas, sentadas à mesa da cozinha, comiam e recitavam com um sotaque britânico cenas de *Orgulho e preconceito*. Elas ficaram fascinadas e totalmente apaixonadas pelo filme. Nademah, com seus olhos escuros, soube do filme pelas amigas e convenceu Kathy a comprar o DVD. Desde então as três haviam assistido à história um monte de vezes — todas as noites, durante duas semanas. Conheciam cada personagem e cada diálogo de

cor, e haviam aprendido a desfalecer como donzelas aristocráticas. Aquela era a pior obsessão desde *O fantasma da ópera*, quando elas haviam sido tomadas pela necessidade de cantar cada canção do filme a plenos pulmões, fosse em casa, na escola ou na escada rolante do shopping.

Zeitoun não sabia o que era pior. Ao entrar na cozinha e ver as filhas fazendo medidas e reverências e agitando leques imaginários, pensou: *Pelo menos elas não estão cantando*. Depois de se servir um copo de suco de laranja, ficou olhando perplexo para as filhas. Na Síria, quando era criança, tinha sete irmãs, mas nenhuma delas demonstrava aquela tendência para as artes dramáticas. As suas meninas eram brincalhonas, sonhadoras, e viviam dançando pela casa, pulando de cama em cama, cantando com um falso vibrato, desfalecendo. Aquilo sem dúvida se devia à influência de Kathy. Ela na verdade também era assim, alegre e juvenil nos modos e no gosto — videogames, Harry Potter e a desconcertante música pop que elas costumavam escutar. Zeitoun sabia que Kathy estava decidida a dar às filhas a infância despreocupada que ela própria não tivera.

“Só vai comer isso?”, perguntou Kathy, erguendo os olhos para o marido, que, já pronto para sair, estava calçando os sapatos. Tinha estatura mediana e era um homem forte para os seus 47 anos, mas era um mistério como conseguia manter o peso. Era capaz de pular o café da manhã, beliscar no almoço e mal tocar no jantar, tudo isso trabalhando doze horas por dia em constante atividade, e mesmo assim seu peso nunca oscilava. Kathy já sabia havia uma década que o seu marido era um daqueles homens inexplicavelmente sólidos, autossuficientes e que nunca ficavam

carentes, capazes de sobreviver à base de ar e água, insensíveis a ferimentos ou doenças — mas, mesmo assim, ela se perguntava como ele conseguia se manter em pé. Zeitoun passava pela cozinha nesse instante beijando o cocuruto das meninas.

“Não esqueça o celular”, disse Kathy, olhando para o aparelho em cima do micro-ondas.

“Por que eu iria esquecer o celular?”, indagou ele, guardando-o no bolso.

“Por acaso você nunca esquece nada?”

“Não.”

“Está mesmo dizendo que nunca esquece nada?”

“Estou. Eu nunca esqueço nada.”

Porém, assim que pronunciou as palavras, ele reconheceu o próprio erro.

“Você esqueceu a sua filha primogênita!”, disse Kathy. Ele havia caído em cheio na armadilha. As meninas sorriram para o pai. Elas conheciam bem aquela história.

Era injusto, pensou Zeitoun, que um único lapso em onze anos desse à sua mulher munição suficiente para provocá-lo pelo resto da vida. Zeitoun não era cabeça de vento, mas sempre que esquecia alguma coisa, ou quando Kathy estava tentando provar que ele havia esquecido alguma coisa, tudo que precisava fazer era lembrá-lo da vez em que ele havia esquecido Nademah. Porque era verdade. Não fora por muito tempo, mas ele de fato a havia esquecido.

A menina nascera no dia 4 de agosto, no primeiro aniversário de casamento deles. O trabalho de parto fora difícil. No dia seguinte, em casa, Zeitoun ajudou Kathy a descer do carro, fechou a porta do carona, e então pegou Nademah, ainda no bebê conforto. Carregou o bebê em uma das mãos enquanto a outra segurava o

braço de Kathy. A escada até seu apartamento no primeiro andar ficava logo depois da entrada do prédio, e Kathy precisou de ajuda para subir. Então Zeitoun a amparou na subida dos degraus íngremes, e Kathy gemeu e suspirou durante todo o trajeto. Chegaram ao quarto, onde Kathy desabou na cama e entrou debaixo das cobertas. Estava inacreditavelmente aliviada por ter chegado em casa, onde podia relaxar com a filha.

“Dê aqui o bebê”, disse Kathy, erguendo os braços.

Zeitoun baixou os olhos para a mulher, espantado ao ver como ela estava linda e delicada, com a pele radiante, os olhos muito cansados. Então ouviu o que ela acabara de dizer. O bebê. É claro que ela queria o bebê. Virou-se para lhe entregar a criança, mas não havia criança nenhuma ali. O bebê não estava no chão. O bebê não estava no quarto.

“Cadê ela?”, perguntou Kathy.

Zeitoun deu um rápido arquejo.

“Não sei.”

“Abdul, cadê o bebê?”, tornou a perguntar Kathy, dessa vez mais alto.

Zeitoun emitiu um som, algo entre um arquejo e um ganido, e saiu correndo do quarto. Desceu às carreiras a escada e saiu pela porta do prédio. Viu o bebê conforto pousado sobre o gramado. Ele havia esquecido a criança no quintal. *Havia esquecido a criança no quintal.* O bebê conforto estava virado para a rua. Ele não conseguia ver o rosto de Nademah. Agarrou a alça temendo o pior, que alguém a tivesse levado e deixado o cestinho mas, quando o virou para si, ali estava o rostinho rosado de Nademah, amarfanhado e adormecido. Ele encostou os dedos na filha para sentir o coração, para ver se ela estava bem. Estava.

Levou o bebê conforto até o apartamento, entregou Nademah para Kathy e, antes que ela pudesse ralar com ele, fazer alguma piada ou pedir o divórcio, desceu correndo a escada e foi dar uma

volta. Precisou dar uma volta nesse dia, e precisou dar uma volta por muitos dias depois disso para entender o que tinha feito e por quê, como pudera esquecer a filha enquanto ajudava a mulher. Era muito difícil ser as duas coisas: companheiro de uma, protetor da outra. Qual seria o equilíbrio? Ele passaria muitos anos tentando solucionar esse enigma.

Nesse dia, na cozinha, Zeitoun não iria dar a Kathy a oportunidade de contar a história inteira às meninas outra vez. Despediu-se da família com um aceno.

Aisha agarrou sua perna.

“*Baba*, não vai embora”, disse ela. A menina era dada a cenas de teatro, a tal ponto que sua mãe a chamava de Dramalhona, e toda aquela fase Jane Austen só fizera piorar essa tendência.

Zeitoun já estava pensando no dia de trabalho que tinha pela frente e, embora ainda fossem sete e meia da manhã, já estava se sentindo atrasado.

Ele baixou os olhos para Aisha, segurou seu rosto com as mãos, sorriu para a perfeição em miniatura dos olhos escuros e úmidos, e então a descolou da própria perna como se estivesse se livrando de uma calça encharcada. Segundos depois, já estava na entrada da garagem carregando a caminhonete.

Aisha saiu para ajudar o pai, e Kathy ficou observando os dois, pensando no comportamento do marido com as meninas. Era difícil de descrever. Ele não era um pai excessivamente carinhoso, mas mesmo assim nunca reclamava quando elas pulavam em cima dele para agarrá-lo. Era firme, seguro, mas também distraído o suficiente para lhes dar o espaço de que precisavam, e flexível e justo o suficiente para deixar que tirassem vantagem

dele quando necessário. E, mesmo quando estava aborrecido com alguma coisa, isso ficava disfarçado por trás de seus olhos verde-acinzentados de longas pestanas. Quando os dois se conheceram, ele era treze anos mais velho do que Kathy, então ela no início não acreditou na ideia de um casamento, mas aqueles olhos, com o jeito que tinham de absorver a luz, haviam-na conquistado. Eram olhos repletos de sonho, mas também atentos, avaliadores — olhos de empreendedor. Ele conseguia olhar para um prédio malconservado e ter não somente a visão daquilo em que o lugar poderia se transformar, mas também o conhecimento prático de quanto isso iria custar e do tempo que iria consumir.

Kathy ajustou o *hijab* junto à janela da frente, escondendo os fios de cabelo soltos — era um tique nervoso que tinha — enquanto via Zeitoun se afastar da entrada da garagem em meio a uma nuvem cinza rodopiante. Estava na hora de comprarem uma caminhonete nova. A que tinham era um bicho branco caindo aos pedaços, vetusta mas confiável, cheia de escadas e madeira e chacoalhando com parafusos e escovas soltas. Na lateral estava pintado o onipresente logotipo de sua empresa: as palavras A. ZEITOUN EMPREENDIMENTOS DE PINTURA ao lado de um rolo de tinta posicionado no final de um arco-íris. O logotipo era cafona, reconhecia Kathy, mas não era fácil de esquecer. Todos na cidade o conheciam dos pontos de ônibus, bancos e placas em gramados; aquele logo era tão comum em Nova Orleans quanto os carvalhos ou samambaias-reais. No início, porém, nem todos gostavam dele.

Quando Zeitoun criou a logomarca, não tinha a menor ideia de que um símbolo com um arco-íris fosse significar alguma coisa para alguém — algo que não fosse uma gama de cores e tons entre os quais os clientes pudessem escolher. Mas ele e Kathy logo perceberam a mensagem que estavam passando.